

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
10 e 27 de Setembro de 2025
ROBERTO GAVALDÓN, O OUTRO MEXICANO

DESEADA / 1951

Um filme de Roberto Gavaldón

Argumento: José Baviera, Roberto Gavaldón, e José Revueltas, a partir da peça “La Ermita, la Fuente y el Rio” (1927), de Eduardo Marquina; diálogos de Antonio Mediz Bolio / *Diretor de fotografia* (35 mm, preto & branco, formato 1x37): Alex Philips (indicado como Fillips) / *Figurinos*: Armando Valdés Peza / *Música*: Eduardo Hernández Moncada, Gabriel Jiménez Mabarak; as canções “Yucal” por Nicolas Ucelay; “A Que Negar” e “Yo Pienso en Ti”, por Jorge Mistral e o Quinteto Mayab / *Montagem*: Carlos Savage / *Som*: Luis Fernández / *Interpretação*: Dolores del Rio (*Deseada*), Jorge Mistral (*Manuel*), José Baviera (*Don Lorenzo*), Anabel (*Nicte*), Antonio Soto Rangel (*Don Anselmo*), Enriqueta Roza (*Quiteria*) e outros,

Produção: Clemente Guizár Mendoza, para Producciones Sansón / *Cópia*: digital (transcrita do original em 35 mm), versão original com legendagem eletrónica em português / *Duração*: 93 minutos / *Estreia mundial*: Cidade do México, 1 de Abril de 1951 / *Inédito comercialmente em Portugal* / *Primeira apresentação na Cinemateca*.

*La copa de cristal que se rompió
En ella bebi el llanto de tus ojos
Y aquel minuto que nunca más volvió
“La Cita”, bolero de René Tabel,
do repertório de Elvira Rios*

Deseada é um filme extremamente ambicioso e o talentoso cineasta que é Roberto Gavaldón está à altura do desafio que se deu. O filme transpõe um drama rural espanhol de 1927 para o México, porém não para o meio rural e sim para o célebre e milenar sítio arqueológico maia de Chichen-Itza, venerado como uma espécie de altar da pátria pelos mexicanos, o que deve explicar a curiosa indicação dada no genérico: o filme “é afetuosamente dedicado ao México pelo produtor executivo José Baviera”. Chichen-Itza também é, evidentemente, um extraordinário cenário, no qual o talento de Alex Philips, mexicanizado em Fillips no genérico, eminentemente representante da notável escola de fotografia do cinema mexicano, dá mostras do que é capaz (o fotógrafo de *plateau* foi nada menos do que o já consagrado Manuel Álvarez Bravo, um dos grandes nomes da fotografia da primeira metade do século XX, na linhagem de Cartier-Bresson e Edward Weston). É evidente que a escolha do espaço sagrado e mítico de Chichen-Itza foi decisivo para o aspecto quase ritualizado da *mise-en-scène* e da progressão narrativa, pois seria um autêntico sacrilégio mostrar uma história estapafúrdia, cheia de reviravoltas naquele espaço. O filme não tem absolutamente nada a ver com o género mais característico do cinema mexicano, o melodrama: embora o argumento pudesse perfeitamente servir para um grande *melodramalhão* à moda dos Estúdios de Churubusco, trata-se de um drama. O que distingue um melodrama de um drama não é a trama narrativa e sim o tom com que esta é abordada e **Deseada** nada tem do tom descabelado e convulsivo que caracteriza o melodrama mexicano, é um permanente *andante*, uma progressão lenta e constante, com três extraordinários pontos culminantes, o sonho da mulher, a sequência que se lhe segue e o ponto final. História de um amor impossível, embora pudesse ter sido possível, o filme tem um tom quase ritualizado, o que é reforçado pelo facto dos saberes arcaicos dos maias entrarem em conflito com a paixão dos protagonistas. A fatalidade, elemento primordial do melodrama, é substituída aqui pelos poderes dos antigos deuses, mais fortes do que os do padre e do que a paixão dos protagonistas.

Dolores del Rio, que no seu período mexicano, que começa em 1943, depois de cerca de quinze anos em Hollywood, costuma ser mostrada com ares algo hieráticos, talvez esteja aqui um tanto excessivamente digna e casta, agindo como uma espécie de sacerdotisa e o contraste com o personagem da sua irmã mais nova, feia e insegura, talvez seja um tanto óbvio, mas estes são elementos típicos deste tipo de cinema. Os valores visuais do filme são superiores à sua eficácia narrativa, mas isto não é defeito, é feitio, pois Gavaldón não buscou a eficácia e sim envolver lentamente o espectador, o que consegue, menos por alguma identificação (ou ironia distante) com os personagens do que pela admiração que as suas soluções visuais podem suscitar. Sem cair no maneirismo, Alex Philips faz sofisticados enquadramentos, favorecidos pela profundidade de campo, através de campanários, janelas, o toldo de um coche, um véu. O filme é pontuado por breves pausas narrativas, com planos noturnos e silenciosos, em contrapicado, dos monumentos de Chichen-Itza, usados menos como elementos visuais do que como sinais da fatalidade. É preciso lembrar que no México (em todo o caso nos boleros - *ya encontraste una nova ilusión / no me lo niegues* - e no cinema clássico) a palavra *ilusión* é utilizada para designar o objeto do afeto, a pessoa por quem outra se apaixona – a palavra é usada neste sentido no filme – o que é bastante revelador. **Deseada** é um filme sobre uma mulher, “que todos sempre desejaram e nenhum conseguiu”, mas também é um filme de mulheres, muito mais numerosas do que os personagens masculinos. As roupas brancas que todas envergam têm uma função visual, estética, formam manchas uniformes e contrastam com a cor da pedra, mas também são um símbolo de pureza e castidade. Se exceptuarmos a figura do padre, assexuada por definição, os primeiros homens só surgem depois de meia hora de projeção e não estão em Chichen-Itza, são elementos exteriores àquele mundo ao qual se dirigem. O espanhol Jorge Mistral, encarnação absoluta do macho mexicano de cinema (é ele o Alejandro/Heathcliff de **Abismos de Pasión**, a vulcânica versão de Buñuel de *O Monte dos Vendavais*), brutamontes possessivo com inesperadas delicadezas, está aqui transformado num *gentleman*, incapaz de querer forçar a sua presença junto à mulher. Numa típica ideia de melodrama hispânico, que reforça o tema da fatalidade, há um mal-entendido à sua chegada, que o espectador pode prever e que Gavaldón resolve com mestria, num jogo de olhares: a paixão fulminante começa sem que o homem saiba que a mulher que lhe é destinada não é aquela.

Outro elemento característico do cinema mexicano clássico presente em **Deseada** é o uso de canções, geralmente melancólicas, que exprimem o que vai pela mente daquele que canta e servem de meio de contato com o objeto de desejo. Dolores del Rio dorme numa rede branca, protegida por um mosquiteiro igualmente branco e as palavras cantadas pelo homem entram nela sem que ela se possa defender, porque dorme, como se a canção viesse de um sonho. Num belíssimo *raccord*, passamos da mulher que sonha para o seu sonho, na primeira das duas grandes sequências do filme, ambas noturnas num filme em que quase toda a ação se passa à luz do dia, a luz quase branca do Trópico. O sonho começa com imagens oscilantes de um espelho e vemos a seguir os principais elementos da história, as ruínas, a pirâmide, as colunas o tear, o gamo, a irmã. Quase a seguir vem a grande sequência do filme, que não é sonhada, passa-se no mundo real, mas tem algo de onírico, como se fosse outro sonho, em que aquilo que foi mostrado por fragmentos simbólicos é plenamente vivido. Ela foge, ele persegue-a a cavalo - uma cavalgada tem evidentes conotações sexuais – e quando a mulher cede a si mesma, vemos sobre o paredão da pirâmide sagrada a silhueta dos dois a beijarem-se, antes de vermos os seus dois corpos de carne em plena entrega. Mas o momento mais belo e original do filme é o seu ponto final, com uma fabulosa elipse entre o rosto de Dolores del Rio e círculos concêntricos na água.

Antonio Rodrigues